

Cultura Pavilhão de Portugal na Bienal de Arte de Veneza



CORTESIA GREENHOUSE/BIENAL DE ARTE DE VENEZA



ANNA JAROSZ/CORTESIA BIENAL DE ARTE DE VENEZA

Neste “jardim crioulo”, as plantas dançam e ensinam, lutam e projectam futuros

Greenhouse, projecto transdisciplinar de Mónica de Miranda, Sónia Vaz Borges e Vânia Gala, inaugurou ontem na Bienal de Veneza – com convidados especiais como Xanana Gusmão

Mariana Duarte, em Veneza

“Nesta escola fazíamos como se fosse um teatro. Imaginávamos a mobilização da população numa tabanca, mas tendo em atenção as características sociais, as tradições, as religiões, todos os costumes da nossa população camponesa (...) Evitávamos que o camponês pudesse pensar que éramos gente estranha que lhe vinha dar lições. Cada povo tem de encontrar a sua própria fórmula de mobilização para a luta.”

Estas palavras escritas em 1969 por Amílcar Cabral (1924-1973) agrónomo, poeta, fundador do Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e figura de proa dos movimentos independentistas africanos, poderiam servir de resumo-sinopse para a escultura *Escola da Revolução*, a peça central de *Greenhouse*, projecto colectivo e interdisciplinar com o qual as artistas-cura-

doras Mónica de Miranda, Sónia Vaz Borges e Vânia Gala representam Portugal na 60.ª edição da Bienal de Arte de Veneza. A inauguração da exposição aconteceu ontem no Palácio Franchetti, onde ficará aberta ao público a partir de hoje e até 24 de Novembro.

Esta estrutura circular concebida por Mónica de Miranda, composta por madeira, ferro, terra e plantas, foi directamente inspirada nas “escolas de tabanca”, ou “escolas de mato”, criadas por Amílcar Cabral nas aldeias da Guiné com o objectivo de educar e mobilizar a população para a luta pela independência contra o colonialismo português, num período em que a maioria dos cidadãos e das cidadãs do país eram analfabetos/as. Foi uma revolução dentro da Revolução. “Cerca de 15 mil crianças frequentam agora as escolas. Antes eram apenas duas mil, mas os indígenas – isto é, 99% da população – não podiam ir às

escolas oficiais criadas pelos portugueses, apenas às missionárias”, contava Cabral.

Escola da Revolução emula estas escolas “protegidas pela floresta” nas zonas libertadas, onde Cabral e camaradas se camuflavam das tropas portuguesas e delineavam o contra-ataque ao colonialismo. Eram escolas “móveis”, notam as artistas, que pelos constantes bombardeamentos não podiam estar sempre no mesmo lugar. “Daí a mobilidade das peças”, aponta Mónica de Miranda. “Esta escola é transportável, pode tomar outra dimensão.”

Movimento e reconfiguração, transformação e acção são, de resto, palavras-chave de *Greenhouse*. Desdobrada em várias esculturas-jardins, com plantas que são regadas e cuidadas todos os dias, esta exposição propõe a criação de um “jardim crioulo”, pensado a partir da intersecção entre descolonização, ecolo-

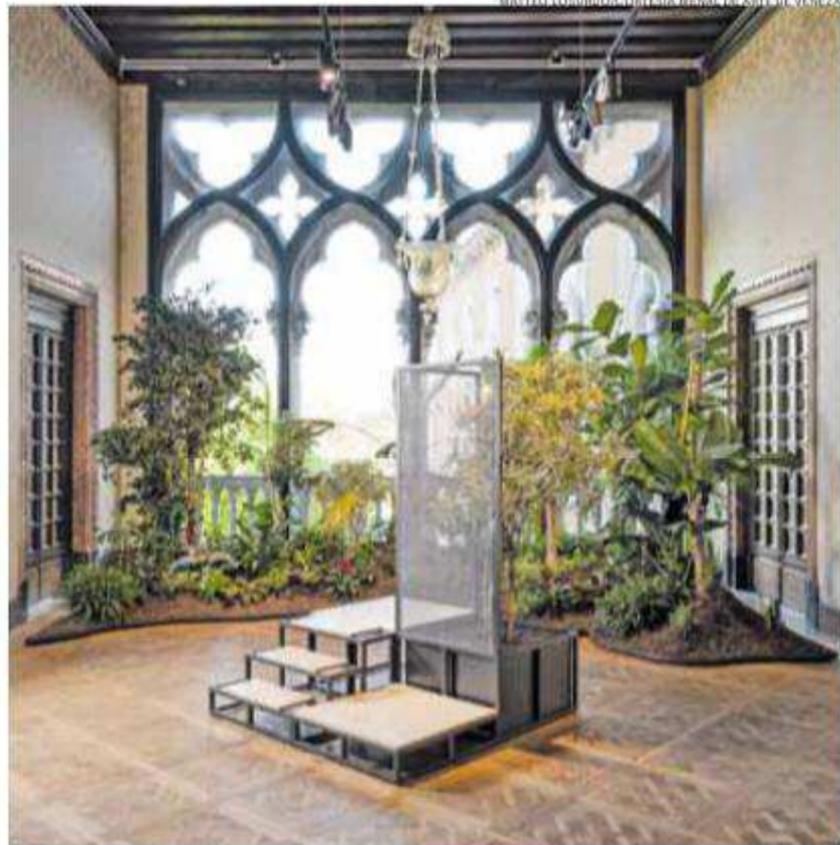
Dalila Rodrigues: “Tenho o compromisso do Governo

Mónica de Miranda disse ser “um momento histórico haver três artistas-curadoras de ascendências africanas a representar Portugal”. Concorda?

Penso que este colectivo respondeu de uma forma muito clara ao tema geral da Bienal [*Estrangeiros em Todos os Lugares*], explorando múltiplos sentidos e significados através desta abordagem. Eu assinalei três perspectivas [no discurso oficial da inauguração], todas elas muito relevantes na presença de Portugal na Bienal. Ter em consideração a densidade histórica desta Bienal e ter presente a sua importância no modo como se transformou,

sendo permeável e sensível às transformações profundas ocorridas no mundo. Por outro lado, reiterar de uma forma muito clara a importância desta Bienal e garantir a nossa presença no futuro.

Mas, paralelamente, fazer uma série de questionamentos: o que é uma representação nacional? De que modo a palavra internacionalização corresponde hoje a um anacronismo? Porque as grandes ideias emergem em qualquer ponto do mundo. E com isto quero dizer que é importante esta participação, mas é fundamental que o Ministério, nas suas várias instâncias de pensamento crítico e através dos seus



As artistas-curadoras Vânia Gala, Sónia Vaz Borges e Mónica de Miranda. À sua esq., a ministra da Cultura, Dalila Rodrigues, e o primeiro-ministro timorense, Xanana Gusmão (Timor estreia-se este ano em Veneza); à sua dir., Américo Rodrigues (DGArtes)



para valorizar a Cultura”

organismos, tenha uma preocupação central, que é a de expandir e dar ressonância às ideias, independentemente do lugar de onde elas emergem. O que nós pretendemos, e que marcará toda a acção do Ministério da Cultura, é a de garantir o acesso.

Este paradigma do “nacional”, que é tão basililar na Bienal de Veneza, deve ser repensado ou superado?

Exacto. O que é uma representação nacional? Pensar de onde vêm as ideias e, sobretudo, onde queremos que elas cheguem. O Ministério da Cultura tem de ter uma acção concertada, no sentido de garantir que a criação artística

tem, verdadeiramente, uma cobertura territorial.

Podemos esperar isso do seu mandato?

Garantidamente. É fundamental repensar a cultura do ponto de vista da sua estrutura orgânica e da sua dimensão territorial.

O investimento do Estado para a presença em Veneza tem vindo a ser reforçado. É intenção deste novo Governo continuar a robustecer este orçamento?

Eu cheguei há menos de duas semanas. Posso garantir que haverá um esforço e que também tenho o compromisso do Governo para valorizar a Cultura através da acção do Ministério. **M.D.**

gia, trânsitos diaspóricos, migrações, cosmologias e religiões de matriz africana, para as quais a terra é também um corpo. “Um corpo em permanente transformação”, nota Mónica de Miranda. Tal como este projecto, que vai além de um formato “expositivo inerte”, procurando explorar “o potencial das artes enquanto plataforma transdisciplinar” que quebra com binarismos como “teoria/prática, humano/natureza, vida/morte”, exemplifica Vânia Gala.

Essa vivificação é feita através de actividades regulares – de *performances* a *workshops*, de leituras a conversas – que correspondem às áreas onde se movem as autoras, as primeiras artistas-curadoras de ascendências africanas a representar Portugal na Bienal de Veneza. Mónica de Miranda nas artes visuais (é também directora artística do Hangar, centro de exposições e investigação artística que, em vários sentidos, abriu preâmbulos para a concepção deste projecto), Sónia Vaz Borges na história, Vânia Gala na dança.

Em conjunto com uma longa lista de artistas, pensadores, curadores, escritores, *performers* ou colectivos de diversas ascendências africanas, de países como Portugal, Angola, Benim, Cabo Verde, Itália, Nigéria, Brasil ou EUA, *Greenhouse* propõe-se a “juntar aquilo que foi separado pelo colonialismo”, nota Mónica de Miranda, através de um espaço transterritorial de discussão, partilha comunitária e “distribuição mútua”, acrescenta Vânia Gala.

Fá-lo-á a partir de um programa em torno deste “jardim crioulo” composto por *Assembleias* (com nomes como Denise Ferreira da Silva, Kalaf Epalanga, Ellen Pirá Wassu ou Vandana Shiva, entre artistas e curadores presentes na bienal); *Arquivo Vivo* ligado ao som, movimento e *performance*; e as *Escolas*, em que Sónia Vaz Borges procurará aplicar às urgências do presente as premissas da “educação militante” desenvolvida pelo PAIGC – “formação técnica, formação política e transformação dos comportamentos individuais e colectivos” –, com convidados/as como Apolo de Carvalho, Ruth Wilson Gilmore ou Andre Ebouaney.

“Pretendemos também repensar os sistemas de educação actuais”, afirma Sónia Vaz Borges. “Devia existir mais uma mobilidade e inclusão de quem participa.” Mónica de Miranda nota que há várias “referências ao passado nesta *Escola* e nas *Assembleias*, mas também uma proposta de re-imaginação para o futuro”.

“Não se trata de um programa paralelo, faz parte da exposição”, sublinha Mónica de Miranda. De facto, o verdadeiro potencial de *Greenhouse* concretiza-se através destas activações. Depois de termos pré-visitado o Palácio Franchetti na terça-feira, o momento da inauguração, com duas *performances*, trouxe-nos uma outra perspectiva.

Através da interacção de quatro bailarinos/as (Gio Lourenço, Luiza Vilaça, Emília Ferreira e Mavá José) com o jardim-escultura, camuflando-se e embrulhando-se em partes arquitectónicas de um palácio aristocrata que, só por si, entra em conflito com a própria ideia de espaço de resistência, percorrendo o corredor central ora em colectivo, ora a solo, olhando de frente os espectadores e numa coreografia onde se cruzam danças afrodiaspóricas como a capoeira, o kuduro, o popping ou o locking e gestuário que remete tanto para símbolos de movimentos da negritude como para celebrações de tradições ancestrais africanas, *Greenhouse* mostrou-se como um elemento vivo e em transformação.

Contra-plantação

Apesar de tudo, mesmo sem outros corpos, as plantas de *Greenhouse* também dançam, consoante o impacto da luz natural ao longo do dia, a presença dos visitantes, a passagem do tempo sobre elas. E são, elas próprias, “transmissoras de conhecimentos orais e mensageiras para as comunidades”. Para montar este jardim-crioulo, com espécies de Cabo Verde, Brasil, São Tomé ou Angola, as artistas-curadoras tiveram como referência hortas criadas por pessoas escravizadas e por pessoas afrodiaspóricas como actos de resistência e sobrevivência, no passado e no presente.

Desde os quilombos brasileiros às já mencionadas tabancas e comunidades agrárias de Amílcar Cabral; desde as hortas urbanas (muitas delas ainda criminalizadas) mantidas na periferia de Lisboa por africanos, portugueses afrodescendentes e migrantes (com quem, aliás, as artistas têm vindo a trabalhar e irão levar parte deste projecto) ao conceito de plantação como “continuidade do navio negreiro” mas também como “espaço de resistência e crioulição” do poeta, filósofo e escritor da Martinica Édouard Glissant (1928-2011), figura-chave do pensamento pós-colonial antilhano e precursor dos conceitos da crioulição e das identidades múltiplas. Ou seja, da identidade enquanto algo nómada, enquanto devir, enquanto estado que se transmuta e regenera no confronto com o outro. Um pensamento que é, no fundo, basililar para toda a ética-prática de *Greenhouse*, um exercício de contra-plantação.

“O jardim crioulo na sua origem tinha plantas de diferentes geografias, de diferentes cosmologias. Não há

Movimento e reconfiguração, transformação e acção são palavras-chave de Greenhouse

uma origem única, é contra uma perspectiva da monocultura”, diz Mónica de Miranda. Aquilo que as une é “a seiva” enquanto “lugar de resistência e de libertação quando há uma opressão. E essa opressão foi no passado, mas também é no presente.”

A própria coreografia “trabalha com ideias do jardim crioulo e com a ideia de multiplicidade – ou seja, coisas muito diferentes estarem em relação e criarem uma unidade”, introduz Vânia Gala. Uma das técnicas utilizadas é o “*upside down*” (“cabeça para baixo”), no sentido de “ver as coisas ao contrário”.

“Na capoeira, estar num mundo ao contrário tem a ver com o mundo dos mortos, dos espíritos. Nós encontramos também algumas práticas de sepulturas a sul dos EUA em que estas são feitas ao contrário”, contextualiza a coreógrafa. “Todas essas posições têm a ver com estar em contacto com os ancestrais, as suas histórias e levá-las também para o futuro.”

Ente trânsito afrodiaspórico entre passado, presente e futuro está também num dos tentáculos da “educação militante” pensada por Sónia Vaz Borges: os programas de rádio que passarão numa das salas da exposição, numa parceria com Leopoldo Lambert, editor-chefe da *The Funambulist*, projecto editorial que se desdobra entre uma revista, um site e um *podcast* sobre políticas do corpo e do espaço, uma referência internacional nas reflexões sobre o pensamento descolonial e activismos anti-racistas, anticapitalistas e (trans)feministas.

“A rádio foi um momento de grande educação, tanto para a consciencialização e para a transmissão de notícias e de conhecimento para quem estava na frente da luta ou nas zonas libertadas, quanto também de consciencialização para as próprias tropas portuguesas.” Ao todo, haverá oito programas, que vão da Palestina à Namíbia, passando pela questão de Turtle Island e dos nativo-americanos.

Em ano de centenário de nascimento de Amílcar Cabral e do cinquentenário do 25 de Abril (nesse e noutros sentidos, atentar num dos vídeos da exposição, *Weaving Stories Like Walking*, uma colecção sobre histórias e memórias das lutas de libertação de várias geografias), foi particularmente simbólico ver na inauguração Xanana Gusmão, primeiro-ministro de Timor Leste, país que marca presença pela primeira vez na Bienal de Veneza. Durante os discursos oficiais, emocionado pela “brutal coincidência” e por ver uma exposição “que não é de grandes pinturas (quando vi *Greenhouse* fiquei “uau!”), distribuiu mantos tradicionais de Timor Leste às artistas e a toda a comitiva portuguesa, inclusive a Dalila Rodrigues, a nova ministra da Cultura – que ainda recebeu de Xanana um carinhoso beijo na testa.